

PENSAR

Entrevista//*Sidarta Ribeiro*

BRASILIENSE COORDENA CENTRO DE PESQUISAS AVANÇADAS LOCALIZADO EM MUNICÍPIO POBRE DO RIO GRANDE DO NORTE

## A CALIFÓRNIA DA NEUROCIÊNCIA

RODRIGO CRAVEIRO  
DA EQUIPE DO CORREIO

No ano passado, um centro de referência internacional em neurociências brotou em Macaíba (RN), cidade de 6 mil habitantes situada a 20km de Natal e com uma população extremamente carente. De acordo com o ranking do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o município ocupa a 3.536ª colocação, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,665 — marcador da qualidade de vida, que varia de zero (péssima) a 1 (boa). Contrariando as previsões mais pessimistas, o Instituto Internacional de Neurociências de Natal — Edmond e Lily Safra (IINN-ELS) é uma prova de que é possível fazer pesquisas pioneiras em ambientes sem recursos financeiros. Discípulo de Miguel Nicolelis, cientista da Universidade de Duke (Estados Unidos) e presidente do IINN-ELS, o brasiliense Sidarta Ribeiro, de 36 anos, é um dos fundadores e diretor-científico do centro de estudos. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, ele afirmou que a escolha por Macaíba foi intencional e sugeriu que o Nordeste brasileiro poderá se tornar um celeiro de ciência. “O Nordeste é a Califórnia brasileira. O futuro é aqui”, disse. De acordo com ele, a entidade já produziu excelentes resultados em investigações que poderão dar origem a interfaces cérebromáquina. O sono, a relação entre sonhos e aprendizado e o mal de Parkinson também são temas presentes nos laboratórios do instituto.

Influenciado por professores da Universidade de Brasília (UnB), como Luiz Fernando Gouveia Labouriau, Isaac Roitman, Myreia Suarez, Loreny Giugliano, Marco Marcondes de Moura, Paulo Saraiva e Paulo Abrantes, o biólogo Sidarta Ribeiro acredita que a capital tem potencial para se tornar pólo científico. No entanto, ele sustenta serem necessários melhores financiamentos no setor e o recrutamento de profissionais bem treinados e talentosos. Para o pesquisador brasiliense, as neurociências experimentaram um boom no Brasil, e a área tem se mostrado bastante promissora em estados como Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Pará. Ele destacou as pesquisas com células-tronco e com ressonância magnética funcional, que possibilitam estudar o cérebro humano inteiro. Ribeiro deixou Brasília aos 23 anos para fazer mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua infância foi marcada por brincadeiras e muita liberdade em quadras da Asa Sul, mas foi na Asa Norte que ele criou uma arraigada identidade cultural e política.

**O centro de pesquisa do IINN-ELS está localizado em Macaíba, um município com sérios problemas econômicos. A instalação nesse local foi intencional? De que forma vocês esperam transformar a realidade da população da cidade e da região?**

A escolha foi totalmente intencional. Trata-se de um município bem perto de Natal, com um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano (IDH) do Rio Grande do Norte. Nosso objetivo é demonstrar que podemos transformar completamente a vida dessa comunidade por meio da combinação de ciência de ponta, educação e saúde gratuitas de ótima qualidade, e a criação de um parque tecnológico capaz de criar empregos de alto valor agregado.

### **Que resultados expressivos o IINN-ELS obteve a curto prazo desde sua fundação? Quais os avanços práticos em áreas como pesquisas sobre esclerose múltipla?**

Estamos funcionando efetivamente, com equipamentos instalados e pesquisadores, há menos de um ano. Por enquanto, temos quatro linhas de pesquisa diferentes: biocompatibilidade de eletrodos; sono, sonho e aprendizado; comunicação vocal e competência simbólica em primatas não-humanos; e mal de Parkinson. Os resultados mais rápidos têm sido no projeto de biocompatibilidade de eletrodos, que, por meio do estudo de roedores, está permitindo determinar os tipos de implantes seguros e viáveis para futuras interfaces cérebro-máquina em seres humanos. Não estamos trabalhando com esclerose múltipla, mas com mecanismos básicos do mal de Parkinson. Estamos com vários experimentos em curso sobre a relação entre o sono, sonhos e aprendizado, desde os níveis molecular e celular até o sistêmico, comportamental e social.

### **Como é possível manter um centro de excelência em pesquisa num país com profundas disparidades sociais e onde a ciência não é uma prioridade?**

É um desafio cotidiano. Até agora temos tido sucesso a partir de um modelo de ampla base de financiamento, que nos permite captar recursos públicos e privados, nacionais e internacionais. Nosso esforço tem sido na direção de criar um sistema robusto, capaz de sobreviver sem problemas a acidentes de percurso e discontinuidades políticoadministrativas.

### **Como analisa os últimos progressos no campo da neurociência em termos de pesquisas no Brasil?**

As neurociências têm experimentado um boom em todo o mundo. No Brasil, isso é muito visível. Existem novos grupos de pesquisa em várias áreas modernas da neurociência, tanto nos grandes centros de São Paulo e Rio de Janeiro como em Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Pará. Na minha opinião, os maiores progressos ocorreram na neurofisiologia (eletrofisiologia), que estuda diretamente a atividade neuronal. Outros destaques são as pesquisas com ressonância magnética funcional, que permitem estudar o cérebro humano inteiro, e os estudos com células-tronco.

### **Mesmo com tantos problemas sociais o Brasil pode priorizar a pesquisa e se destacar como celeiro de grandes cientistas?**

Pode, deve e tem que fazê-lo. Não temos outra opção. Existe uma relação direta fortíssima entre Produto Interno Bruto e inovação tecnológica. Não somos um micropaís. Temos que investir muito em ciência e tecnologia, mas investir estrategicamente, escolhendo nichos de alta relevância, onde o jogo ainda não foi jogado completamente. Ainda podemos competir com chances reais.

### **A Índia é um país mergulhado na pobreza e com uma produção científica invejável. É um modelo a ser seguido? Por quê?**

Mais ou menos. A Índia tem uma população muito maior do que a do Brasil, com problemas mais graves. Por outro lado, tem uma cultura milenar de geração do conhecimento. Em ciência, possui uma tradição bem maior, com quatro prêmios Nobel de Medicina ou de Física. O enorme desenvolvimento das últimas décadas se apóia principalmente no pólo tecnológico de Bangalore, que há muito tempo desempenha esse papel aglutinador. Queremos transformar Natal na Bangalore brasileira, mas evidentemente nossos desafios são diferentes. Só de pessoas na extrema miséria eles têm uma população brasileira inteira. De certo modo, saímos atrás deles, mas temos muito menos peso para carregar.